

ANÁLISE
DE OBRAS
ESSENCIAIS

11.º ANO

Revisão essencial da obra

Preparação para os
momentos de avaliação

Questionários de análise
e interpretação da obra

De acordo com as
Aprendizagens Essenciais



OS MAIAS

Eça de
Queirós

APRESENTAÇÃO

A coleção **Análise de Obras Essenciais** é um guia fundamental para a sistematização do estudo das obras de leitura recomendada ou obrigatória no âmbito da Educação Literária das Aprendizagens Essenciais.

Cada livro da coleção apresenta uma análise cuidada da obra em estudo, permitindo a aquisição e a consolidação dos conhecimentos essenciais sobre o autor e a sua obra e ajudando na preparação para os momentos de avaliação.

Este livro apresenta-se com o objetivo de complementar o entendimento da obra, proporcionando pistas de exploração que enriqueçam a experiência de leitura. Além das habituais sínteses de conteúdos e de ideias principais, pretende-se sobretudo acompanhar os leitores de *Os Maias* na descoberta de novos sentidos, análises e interpretações, que os aproximem não só das intenções particulares do autor, mas também da compreensão de algumas das principais mensagens representadas no texto.

NOTAS:

- A utilização deste livro não dispensa a leitura integral da obra.
- Neste livro, a edição de *Os Maias* que serviu de base para esta análise foi a da coleção *Tesouros da Literatura*, 4.^a edição, Fábula, 2017.



ÍNDICE

1. ASPETOS ESSENCIAIS DA VIDA E OBRA DO AUTOR	4
1.1 A vida.....	4
1.2 A obra.....	5
1.3 O período histórico.....	6
1.4 As influências.....	7
2. VISÃO GLOBAL DA OBRA	11
2.1 Estrutura.....	11
2.2 O tempo e a ação.....	11
2.3 O narrador.....	13
2.4 Síntese das principais características do autor.....	13
2.5 As personagens.....	15
2.6 Os espaços.....	20
3. ANÁLISE DOS CAPÍTULOS	24
4. A DIMENSÃO TRÁGICA	53
4.1 O tema do incesto.....	53
4.2 Destino (<i>ananké</i>), desafio (<i>hybris</i>) e sofrimento (<i>pathos</i>).....	53
4.3 Os indícios trágicos (<i>nomina</i>).....	54
4.4 O reconhecimento (<i>anagnorisis</i>) e a catástrofe.....	54
5. QUESTIONÁRIOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA OBRA	56
5.1 Itens de escolha múltipla.....	56
5.2 Itens de resposta estruturada.....	58
6. CENÁRIOS DE RESPOSTA	62

1. ASPETOS ESSENCIAIS DA VIDA E OBRA DO AUTOR

1.1 A VIDA

José Maria Eça de Queirós nasceu no seio de uma família da burguesia culta, no dia 25 de novembro de 1845, na Póvoa de Varzim. É filho do magistrado José Maria de Almeida Teixeira de Eça de Queirós, mas foi criado pela avó paterna, longe dos pais. As circunstâncias deste afastamento não são totalmente claras, porém, deverão estar relacionadas com o facto de, à data do seu nascimento, os pais de Eça não estarem casados. Foi possivelmente com base neste preconceito, distante das nossas referências atuais, que a mãe, Carolina Augusta Pereira de Eça de Queirós, terá decidido que a criança fosse criada fora do lar paterno.

Depois de concluir o liceu no Porto, tornou-se estudante de Leis na Universidade de Coimbra, em 1861. Representou no Teatro Académico e conheceu Antero de Quental e Teófilo Braga, duas das suas mais relevantes influências literárias e culturais.

Termina a sua licenciatura em 1866, para, mais tarde, se tornar advogado, já na cidade de Lisboa, onde passará a integrar o grupo do Cenáculo, um grupo de intelectuais que se reunia regularmente, com o objetivo de discutir os temas mais atuais. Era, essencialmente, uma tentativa de prolongar a dinâmica cultural e intelectual iniciada nos tempos da universidade, e que contribuirá para a organização das «Conferências do Casino», em 1871.

Pelo meio, antes de se fixar definitivamente na capital, reside durante alguns meses em Évora, onde dirige um jornal bissemanário (*Distrito de Évora*). Em 1869, faz uma viagem pelo Médio Oriente, assistindo à inauguração do Canal do Suez.

Como principal foco profissional, Eça opta pela carreira administrativa, que o leva, em 1870, a tornar-se administrador do concelho de Leiria, ambiente onde, através das suas impressões de escritor, recolhe parte da matéria do que viria a ser o romance *O Crime do Padre Amaro*.

Dado o interesse em enveredar por uma carreira na diplomacia, concorre a esta via e é colocado em Havana, em 1872. A partir desta altura, viaja com funções consulares e acaba por passar vários anos em Inglaterra (Newcastle, 1874, Bristol, 1878) e também em Paris, cidade onde passa a ter residência e a desempenhar as funções de cônsul, em 1889. Desde então, só voltará a viver em Portugal por curtos períodos.

Por volta destes anos, talvez movido pelo desejo de ter um pouco mais de estabilidade na sua vida pessoal, Eça começa a vislumbrar a possibilidade de se casar, facto que acaba por ocorrer a 10 de fevereiro de 1886, depois de alguns

meses de noivado com Emília de Castro Pamplona, doze anos mais nova. Este casamento surge na sequência da proximidade que o autor mantinha com os parentes de Emília de Castro, os condes de Resende. Nasce, então, por ordem cronológica, Alberto, António, José Maria e Maria. Dos dois últimos, existe descendência conhecida, até à atualidade.

É durante a fase da sua vida em que está mais afastado de Portugal que Eça de Queirós escreve grande parte dos seus livros. Morre aos 54 anos, no dia 16 de agosto de 1900, em Neuilly-sur-Seine, nos arredores de Paris, sendo o seu corpo transportado e sepultado em Lisboa. Não deixa de ser curioso assinalar o por menor de Eça ter desaparecido ainda no século XIX, como se de alguma forma ficasse, assim, a sua experiência e obra para sempre associadas a esse tempo e a um país ainda tão distante da modernidade e das rápidas transformações que viriam a ocorrer no século XX.

Mais tarde, em 1989, os seus restos mortais foram trasladados, por indicação da família, para o cemitério de Santa Cruz do Douro. Mais recentemente, em 2023, surge a polémica em torno da proposta de conferir a Eça de Queirós honras de transladação para o Panteão Nacional (onde se encontram relevantes da história nacional), o que veio a concretizar-se no início de 2025.

1.2 A OBRA

Influenciada pelos principais movimentos culturais da época, a obra de Eça vai-se cruzando com as suas leituras e experiências pessoais muito diversificadas, que se refletem quer nas suas narrativas, quer nos muitos textos não ficcionais. A produção literária de Eça é de tal modo abundante, que muitos dos seus textos só são revistos e publicados já no século XX.

A sua estreia como escritor ocorre já perto do final dos seus estudos universitários, em folhetins publicados na *Gazeta de Portugal*. Porém, desde cedo, foi notório o propósito de estabelecer novos paradigmas literários causadores de estranheza junto do público português, visto que, mesmo nos restritos meios eruditos, não existia ainda suficiente familiarização com as novas tendências da literatura, já sobejamente cultivadas noutros países. Alguns destes folhetins foram selecionados e publicados já postumamente nas *Prosas Bárbaras* (1903).

Efetivamente, para compreendermos a génese da obra de Eça, é necessário mencionar a sua colaboração com Ramalho Ortigão em dois momentos: *O Mistério da Estrada de Sintra*, obra de natureza ficcional, mas que desafia o leitor a situar-se entre a realidade dos factos e os limites da sua imaginação; e *As Farpas*, um conjunto de textos de carácter panfletário e provocatório, cujo título simbólico pretendia desde logo representar a predisposição dos seus autores para incomodarem e se fazerem notar.

Talvez uma das características mais importantes da obra de Eça seja, de facto, a sua dimensão crítica, exaltando o carácter de intervenção social que a cultura deve assumir. Este espírito de missão em favor da democracia, da valorização

da educação e do trabalho complementa a sua veia ficcional e reflete-se praticamente ao longo de todo o seu percurso literário, ainda que vá progressivamente adquirindo um tom mais irónico e subtil, à medida que o tempo vai passando. Por exemplo, tal como confirmaremos adiante, as suas famosas e múltiplas **personagens-tipo** constituem um dos principais recursos usados pelo autor para expressar essa visão crítica, através de atitudes e comportamentos que, de forma direta ou indireta, ilustram, expõem e denunciam, com pormenor.

No seguimento da tendência para oscilar entre a realidade dos factos e a ficção romanesca, Eça projetou uma coletânea de novelas que teria o título *Cenas Portuguesas*, designação que revela a intenção de criar um conjunto de cenários onde houvesse a oportunidade de fazer desenrolar episódios que trouxessem ao leitor a realidade da população e as circunstâncias sociais que caracterizavam o país.

Este projeto, que Eça revisitará e alterará por várias vezes ao longo da sua carreira literária, vai-se fazendo notar em múltiplas ocasiões e contribui para afinar uma visão mais ampla sobre os costumes e diferentes contextos que ajudavam a definir a realidade contemporânea, através das histórias que ia contando. Os *Maias*, publicado em 1888 (ano em que, por coincidência, se assinala também o nascimento de Fernando Pessoa) pode ser considerado um dos exemplos mais relevantes deste traço tão significativo na obra queirosiana. O subtítulo deste romance, «**Episódios da vida romântica**», dá a entender que, além de contar a história dos protagonistas, a intenção é assinalar a presença de «tipos» que desfilam pelos espaços sociais selecionados propositadamente pelo autor para criar o efeito desejado.

Em síntese, apesar do notório empenho de Eça em retratar a realidade com a suprema objetividade que permitiria a reflexão e a mudança no leitor, na verdade, é determinante reparar também na subjetividade dos textos queirosianos, na exploração da imaginação e até da fantasia, como ocorre, por exemplo, em *O Mandarin* (1880) ou em *A Relíquia* (1887). A invenção de Carlos Fradique Mendes, personagem fictícia que surge como o autor de um romance epistolar, a *Correspondência de Fradique Mendes* (1900), é mais uma evidência desta tendência para explorar a imaginação e até o fingimento.

Assim, o gosto pelo aprofundamento detalhado dos sentimentos e o apreço pela herança histórico-cultural são temas muito explorados nos seus romances e contos. As incertezas da vida, a melancolia da existência e outros traços do lirismo romântico fazem, portanto, parte da vasta e complexa obra de Eça.

1.3 O PERÍODO HISTÓRICO

É importante recordar que as primeiras gerações mencionadas n'Os *Maias* sentem ainda o impacto das lutas entre os **absolutistas** que defendiam o Antigo Regime — e repudiavam os ideais alimentados pelo espírito da Revolução Francesa (1789) — e os **liberais**, vistos como revolucionários que procuravam

tendencialmente a rutura com as monarquias tradicionais e se inspiravam em modernos modelos de governação.

Depois de um período de acentuada instabilidade constitucional entre 1822 e 1838, após golpes de estado e revoltas que se sucederam entre 1836 e 1850, no período de 1851 e 1878, Portugal vive o período designado por «**Regeneração**», época de relativa estabilidade, centrada na atividade política e na renovação das infraestruturas básicas do país. Foi com base nestes pontos que se instituiu o Ministério das Obras Públicas, sob a presidência de Fontes Pereira de Melo. Assim se verificou um desenvolvimento económico, social e mental que recuperou, em parte, atrasos acumulados em dezenas de anos de lutas internas, sob o recurso a capitais estrangeiros e com a adoção de medidas fiscais impopulares.

Ainda assim, o contexto social português nos anos que enquadram *Os Maias* é marcado pela ascensão do poder financeiro da burguesia e pela confirmação do declínio de uma nobreza já ultrapassada, cujo valor, de uma forma generalizada, reside mais no orgulho e no apego a velhas tradições monárquicas (tão valorizadas pelo romantismo) do que propriamente na sua efetiva influência. Certos valores e princípios morais, muitas vezes associados ao conservadorismo, mas que norteavam hábitos e costumes, entram também em decadência e dão lugar ao materialismo e à ostentação. Consequentemente, o acesso a cargos públicos influentes, o poder económico, o acesso à cultura e à educação permanecem privilégio de escassos grupos sociais.

1.4 AS INFLUÊNCIAS

A segunda metade do século XIX é marcada pela consolidação de profundas transformações na sociedade, praticamente em todos os seus domínios. O pensamento e as ideias de filósofos, sociólogos, críticos e historiadores rompem com as referências culturais e científicas que vigoraram até então e favorecem o estabelecimento de novos paradigmas que acompanhem a modernidade.

Provavelmente incentivado por figuras que faziam parte do **ambiente universitário de Coimbra**, principalmente Antero de Quental, Eça foi lendo e interiorizando as ideias de autores como Proudhon (1809-1865), Taine (1808-1893), Darwin (1809-1882), Flaubert (1821-1880), Renan (1823-1892), opositores do romantismo, críticos da organização social e política do seu tempo e, sobretudo, defensores do **positivismo**, uma corrente que, até certo ponto, decorre dos movimentos iluministas das décadas anteriores e providencia os princípios basilares que associaremos à revolução científica e industrial que se desenhará na Europa e na generalidade dos países ocidentais.

Em Eça de Queirós tornam-se de igual modo evidentes traços de **impressionismo**. As manifestações artísticas de Monet (1840-1926), em particular ilustradas no seu quadro «Impressions», de 1874, influenciam a pintura, mas inspiram também a literatura, incentivando a escrita que capta e revela os pormenores da realidade, com exatidão. Este olhar preciso e metódico assume-se, por exemplo,

nas descrições, no sentido apurado através do qual se apresentam as características físicas e o perfil psicológico das personagens, nos diálogos e no discurso indireto livre, opções que permitem ao leitor envolver-se com o enredo e interpretar as impressões que o autor extrai do real.

1.4.1 ROMANTISMO

Apesar de reconhecermos em Eça de Queirós uma acérrima oposição ao romantismo, é importante lembrar que esta divergência face à principal corrente literária da sua época resulta dos efeitos de estagnação e sentimentalismo exacerbados que os «autores ultrarromânticos» cristalizaram no panorama cultural português. Num mundo que já revelava rápidas transformações e em que o importante passava a ser a visão crítica e interventiva do homem sobre a realidade e até sobre si próprio, **o romantismo, para autores como Eça, era considerado um obstáculo ao progresso e à evolução.**

Ainda assim, é inquestionável a presença de significativas **influências românticas** na obra queirosiana, tais como o gosto pela contemplação do belo, a exploração da vivência interior das personagens, na sua luta entre o racionalismo e os impulsos das emoções, a busca e conservação de ideais que escapem à corrupção do mundo e a defesa da natureza e da vida no campo em detrimento do crescimento urbano e dos vícios das grandes cidades modernas.

1.4.2 QUESTÃO COIMBRÃ: «QUESTÃO DO BOM SENSO E BOM GOSTO»

Trata-se de uma polémica que ocorre entre figuras do meio intelectual universitário, na cidade de Coimbra, em 1865. Nessa disputa, sobretudo literária, mas também de ordem cultural e política, tudo se desencadeou após a publicação de uma coletânea de poesia de um jovem escritor romântico, Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), muito saudada e elogiada pelos professores mais velhos e pela generalidade das figuras que controlavam a academia e que viam naquele jovem poeta a possibilidade de manter intacta a tradição romântica.

Ora, no prefácio a essa obra, intitulada *Poema da Mocidade*, António Feliciano Castilho (1800-1875) elogia o jovem poeta e critica com desdém a falta **«de bom senso e de bom gosto»** das novas gerações de literatos, que incluem precisamente Teófilo Braga e Antero de Quental, que aos olhos de Castilho defendiam uma literatura que não valorizava o belo, nem respeitava a nobreza dos sentimentos mais elevados, devendo, por isso, ser desprezada.

Esse prefácio gera, então, reações muito significativas das principais figuras daquilo que viria a ser o realismo português, desencadeando a publicação de textos e manifestos, em tom irónico, mas agressivo, repudiando as posições assumidas pelos ultrarromânticos, que estariam a afundar culturalmente o país. Tal polémica, em cuja génese terá estado a disputa por um lugar de docente universitário entre Pinheiro Chagas e Teófilo Braga, reafirma o desejo de uma revolução na cultura e no conhecimento.

A COLEÇÃO ANÁLISE DE OBRAS ESSENCIAIS

é um guia fundamental para a sistematização do estudo das obras de leitura recomendada ou obrigatória no âmbito da Educação Literária das Aprendizagens Essenciais.

Cada livro da coleção apresenta uma análise cuidada da obra em estudo, permitindo a aquisição e a consolidação dos conhecimentos essenciais sobre o autor e a sua obra e ajudando na preparação para os momentos de avaliação.

A estrutura de cada livro assenta nas seguintes rubricas:

- Análise da vida, da obra e da época do autor;
- Estrutura da obra;
- Resumo dos capítulos;
- Interpretação dos aspetos principais da história;
- Retrato das personagens;
- Questionários de análise e interpretação da obra;
- Cenários de resposta dos questionários.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguineducação.pt

Editamos livros
de apoio escolar para
uma aprendizagem
autónoma e estimulante,
com rigor científico
e garantia de sucesso.

ISBN: 978-989-583-147-0



9 789895 831470

Apoio Escolar / 11.º Ano